NEWS LETTER



NOVEMBRO

- Conexão entre os rios Juruá e Ucayali

- Instituto Juruá realiza expedição de pesquisa que investiga os impactos socioeconômicos e ecológicos da cadeia de sementes oleaginosas no Médio Juruá

- Manejo sustentável do pirarucu no Território Médio Juruá em 2023: resultados e desafios

INSTITUTO JURUÁ
POVOS, RIOS E FLORESTAS

SOLUÇÕES COLABORATIVAS PARA A CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA

DOAR

You Tube

Conexão entre os rios Juruá e Ucayali

Instituto Juruá e Projeto Vasi estreitam parceria com visita de pesquisadores e manejadores do Médio Juruá à Ucayali, no Peru, para pensarem juntos a implementação do manejo pesqueiro na região

Por **João Vitor Campos-Silva**

O Rio Ucayali é um rio muito importante da Amazônia Peruana, responsável pela segurança alimentar de milhares de famílias de diferentes etnias indígenas de diversas matrizes culturais. Como em muitos outros locais da Amazônia, este rio foi sobre explorado e os estoques pesqueiros foram colapsados, comprometendo a segurança alimentar e economia doméstica dos povos indígenas e comunidades locais.



Eduardo Von Muhlen, Edimar Costa, João Campos-Silva e José Alves, equipe do Instituto Juruá, sendo recebidos por Raul Inuma na Comunidade 2 de Maio, Ucayali, Peru.
Fotos: Eduardo Von Muhlen

Em 2022, conhecemos o Projeto Vasi, uma organização de base localizada na comunidade Dois de Maio, em Loreto, no Peru, que realiza um trabalho muito interessante com as comunidades rurais desse importante rio.

O Projeto Vasi é formado por lideranças comunitárias, estudantes e pesquisadores com a missão de melhorar a qualidade vida local, criando alternativas positivas que alinhem a proteção das florestas com o bem estar das comunidades.



Equipe do Instituto Juruá, Proyecto Vasi e comunitários durante o minicurso de contagem de pirarucu. Foto: Eduardo Von Muhlen

Desde então, o Instituto Juruá iniciou uma parceria com esta organização, trazendo duas de suas lideranças para conhecer o Médio Juruá. Neste ano, pesquisadores e manejadores do Juruá foram para o Ucayali para conversar sobre a implementação do manejo pesqueiro em algumas comunidades interessadas em melhorar a gestão de seus recursos. O programa, a ser iniciado, será liderado pelo Projeto Vasi e contará com o apoio técnico do Instituto Juruá.



Equipe do Instituto Juruá, Proyecto Vasi e comunitários durante o minicurso de contagem de pirarucu. Foto: Eduardo Von Muhlen

A recepção das comunidades não poderia ter sido melhor. Conhecemos diferentes lagos, fizemos cursos de contagens de pirarucus nos lagos da região e trocamos muitas experiências sobre a Amazônia. Nessa viagem, ficou muito clara a necessidade de se pensar a integração dos povos tradicionais que vivem na Amazônia, no sentido de fortalecer as narrativas sobre o bem viver e sobre as alternativas socioeconômicas que se apresentam nos diferentes territórios. Embora estejamos falando de um território muito diferente em termos de cultura e realidade social, as ameaças e os desafios são muito parecidos. Para o próximo ano, prevemos mais intercâmbios e ações que possam contribuir para a autonomia territorial, segurança alimentar e emancipação econômica das comunidades rurais do rio Ucayali.



Integração com as crianças e trocas de conhecimentos.
Foto: Eduardo Von Muhlen



Instituto Juruá realiza expedição de pesquisa que investiga os impactos socioeconômicos e ecológicos da cadeia de sementes oleaginosas no Médio Juruá

Por **Maria Julia Ferreira**

Pesquisadores do Instituto Juruá dão início às expedições do projeto "Entendendo Cadeias Globais de Valor na Amazônia", que tem como principal objetivo desvendar as estratégias utilizadas pelas pessoas da Amazônia visando agregar valor sustentável à coleta de sementes oleaginosas. A partir disso, busca-se entender quais são os impactos sociais e econômicos desta atividade na vida das comunidades locais e o impacto ecológico da coleta de sementes para as florestas na região do médio rio Juruá.

Neste mês de outubro, uma equipe de pesquisadoras rumou a Carauari (AM) com dois objetivos: reunir-se com os moradores e lideranças locais e implementar parcelas florísticas para a avaliação do impacto ecológico da coleta tradicional de sementes de andiroba (*Carapa guianensis*), murumuru (*Astrocaryum murumuru)* e ucuúba (*Virola surinamensis)*, que são amplamente coletadas na região para a produção de óleos vegetais para a indústria cosmética.

De acordo com a pesquisadora do Instituto Juruá Andressa Bárbara Scabin "Reunir-se com as lideranças locais é de extrema importância para alinhar as demandas locais com os objetivos do projeto e receber indicações sobre quais comunidades estão trabalhando mais ativamente com a coleta e venda de sementes". Essa abordagem permite uma melhor organização do trabalho de campo e também garante a parceria com os coletores, que são essenciais para o sucesso do projeto.



Reunião com a comunidade Xibauzinho, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari, para apresentação do projeto. Foto: Giovana Teixeira

Para esse estudo, foram escolhidas áreas florestais de 100 x 50 metros localizadas em locais de coleta de sementes, onde as pesquisadoras, em parceria com moradores das comunidades, marcam todas as árvores e palmeiras adultas, juvenis e plântulas das três espécies. Além da localização das árvores e palmeiras, também é medido o diâmetro de todas elas, assim como é feita uma contabilização das mudas que estão crescendo nesseslocais. “Essa metodologia nos permite ver o quanto as árvores vão crescer e quantas novas árvores vão nascer nas áreas de coleta tradicional por um período de tempo” afirma Janaina Costa, doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que está desenvolvendo sua tese junto ao projeto.

A equipe irá acompanhar essas parcelas por três anos, assim como o mesmo número de áreas onde a coleta tradicional não é feita. Segundo Andressa Scabin “com essa amostragem pareada, podemos comparar a regeneração e o crescimento da floresta em áreas sob o cuidado dos moradores tradicionais e em áreas sem este valioso cuidado”.

No início do próximo ano, as pesquisadoras voltarão ao território para monitorar a produção de sementes nestas mesmas áreas. Janaina Costa explica que “serão instalados coletores de sementes em algumas árvores em idade reprodutiva. Nesses coletores contamos quantas sementes são produzidas e, com isso, podemos obter uma média da produção de sementes em cada área de coleta”.

Esta informação será relacionada aos dados sobre a quantidade de sementes comprada pelas organizações locais, Cooperativa Mista de Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária do Médio Juruá (CODAEMJ) e Associação dos Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Uacari (AMARU). Isso permitirá estimar o quanto a floresta produz de sementes e o quanto é de fato coletado pelos moradores locais.





Estabelecimento de parcelas florísticas.
Acima, parcela de contagem de mudas.
Abaixo, medição de diâmetro de árvore de andiroba.

Fotos: Giovana Teixeira e Janaina Costa.



Produção de óleo de andiroba na usina do Roque da Cooperativa Mista de Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária do Médio Juruá (CODAEMJ). Foto: Bruno Kelly

Na próxima expedição deste projeto, prevista para o primeiro semestre de 2024, a equipe voltará às comunidades para fazer entrevistas com as coletoras e coletores de sementes para entender como essa atividade influencia na renda e na qualidade de vida dessas pessoas. Essa análise do impacto socioeconômico da cadeia das oleaginosas será vista também sob a lente de gênero, ou seja, como os impactos dessa cadeia afetam os homens e as mulheres.

"Considerando que boa parte das pessoas que coletam sementes são mulheres, mas não necessariamente são elas as mais beneficiadas, é importante entendermos essas diferenças para fortalecermos a cadeia no sentido de trazer maior equidade de gênero na repartição dos benefícios", diz Andressa Scabin.

Sendo assim, de forma geral, o Instituto Juruá espera obter com esse projeto dados científicos que mostrem a importância econômica, social e ecológica da coleta tradicional de sementes e, com isso, fortalecer a cadeia produtiva dos óleos vegetais na região do Médio Juruá.



Extrativistas coletando sementes.
Foto: Bruno Kelly

Manejo sustentável do pirarucu no Território Médio Juruá em 2023: resultados e desafios

A seca extrema que aflige a Amazônia leva à prorrogação do prazo da pesca nas comunidades, mesmo assim algumas conseguiram manter o calendário

Por **Maria Cunha**

O manejo do pirarucu no Médio Juruá é uma prática de conservação e sustentabilidade que visa garantir a preservação e a utilização responsável dessa espécie icônica de peixe de água doce da Amazônia. Através de técnicas como o controle da pesca, o monitoramento dos estoques e a adoção de medidas de proteção, busca-se conciliar o desenvolvimento econômico das famílias com a preservação do ambiente aquático e a manutenção das comunidades tradicionais que dependem desse recurso natural.

Essa abordagem sustentável promove a conservação da biodiversidade e contribui para o desenvolvimento socioeconômico da região. O manejo do pirarucu é realizado por meio da implementação de medidas regulatórias e estratégicas de pesca sustentável e uma das principais abordagens é a definição de períodos de pesca, que estabelecem épocas específicas em que a pesca do pirarucu é permitida. Isso garante que a espécie tenha tempo suficiente para se reproduzir e manter seu estoque populacional saudável.



Manejo do pirarucu. Foto: Bernardo Oliveira

As comunidades locais desempenham um papel fundamental nesse processo. Participam ativamente das decisões relacionadas ao manejo do pirarucu, contribuindo com conhecimentos tradicionais e experiências práticas. Essa abordagem participativa fortalece a conexão das comunidades com o meio ambiente e promove a conservação da espécie.

Atualmente, o manejo tem se tornando uma das cadeias produtivas mais rentáveis na região de acordo com a avaliação dos resultados obtidos pelas famílias. A rotina estabelecida pelos moradores, que perpassa desde a proteção dos ambientes à organização comunitária, traz um viés de sustentabilidade e desenvolvimento social muito importante, o que torna a cadeia do pirarucu cada vez mais uma referência de economia sustentável, dentro e fora do território.

A estiagem na Amazônia neste ano tem sido uma preocupação crescente. A região, conhecida por sua exuberante floresta tropical e pela umidade característica, está enfrentando uma séria escassez de chuvas, resultando em um período prolongado de seca. Essa estiagem é um fenômeno natural que ocorre periodicamente, mas os impactos deste ano têm sido mais intensos. Além de ter afetado a qualidade de vida das populações ribeirinhas em diversos fatores, o desempenho da cadeia produtiva do pirarucu também teve impactos, a diminuição do nível dos lagos e dos rios e a dificuldade de acesso aos ambientes de pesca foram alguns dos fatores naturais que impossibilitaram o seguimento do cronograma da pesca manejada na região.

Muitas comunidades não conseguiram a captura de toda sua cota de peixes, e outras necessariamente precisaram adiar as datas da pesca. Levando em consideração a situação emergente, as organizações que compõem o Coletivo do Pirarucu e são atuantes no manejo da espécie no Estado do Amazonas solicitaram a prorrogação do prazo da pesca do pirarucu ao instituto brasileiro do Meio Ambiente e recursos naturais (IBAMA) até 20 de dezembro de 2023, para que as comunidades consigam finalizar essa atividade que é de suma importância para todos.

Apesar da estiagem, algumas comunidades ainda conseguiram estabelecer a sua rotina no contexto da cadeia produtiva do manejo do pirarucu. São Raimundo, localizada na Reserva Extrativista do Médio Juruá e Toari, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari, foram exemplos das comunidades que conseguiram atingir suas cotas. Mesmo com algumas dificuldades de logística por conta da entrada do igarapé que dá acesso a comunidade de São Raimundo, foi possível concluir a despesca de 418 pirarucus, garantindo assim a renda prevista dessa atividade para a comunidade em 2023.

> “Esse ano foi um desafio maior pra gente, essa estiagem da amazônia trouxe uma reflexão de como precisamos estar atentos às mudanças climáticas, sendo que isso pode afetar toda nossa produção, inclusive aquelas que em que a gente defende como prioridades para nossa qualidade de vida, como é a cadeia do pirarucu pra gente aqui. É por isso que a gente tem grandes sonhos de agregar mais valor ao pirarucu manejado da nossa região, como a certificação do comércio justo, por exemplo.”
>
> Relata Manoel Figueiredo, manejador e liderança da comunidade São Raimundo, da Reserva Extrativista do Médio Juruá.

É essencial que sejam criadas estratégias comunitárias e políticas nas instâncias governamentais para que o manejo do pirarucu possa resistir a esses eventos extremos. Afinal, o manejo sustentável do pirarucu no território Médio Juruá tem mostrado ótimos resultados. A população de pirarucus tem se recuperado gradualmente, e os estoques estão mais saudáveis. Além disso, a adoção dessas medidas tem trazido benefícios socioeconômicos para as comunidades locais, que têm uma fonte de renda sustentável e preservam a cultura da pesca tradicional.

IJ INDICA

INSTITUTOJURUA.ORG.BR



Os Gigantes dos Rios, nova temporada do podcast Vozes do Juruá, do Instituto Juruá. Novos episódios toda quinta-feira em todas as plataformas de áudio, no YouTube youtube e no nosso site.

1.

Povos tradicionais e a seca na Amazônia, episódio do podcast Guilhotina, o podcast do Le Monde Diplomatique Brasil, com participação da pesquisadora colaboradora do IJ, Jessica Souza



2.

Feira Nacional Saberes e Sabores da Agroecologia e Economia Solidária, no Centro do Rio de Janeiro (RJ), nos dias 21, 22 e 23 de novembro, de 8h às 18h, como parte da programação do 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA). Teremos pirarucu de manejo da Gosto da Amazônia e produtos extrativistas da ASMAMJ Mulheres!



3.

III Festa da Consciência Negra - a festa do Povo de Axé de Manaus ocorre na semana da consciência negra, no Centro Cultural Povos da Amazônia, dia 25 de novembro, de 10h às 21h, com presença confirmada do grupo Couro Velho.



INSTITUTO JURUÁ

Equipe de comunicação do Instituto Juruá
Clara Machado, Andressa Scabin, Nathalia Messina, Maria Cunha, Camila Duarte Ritter, Phamela Barbosa e Raphael Chicayban

Equipe de tradução do Instituto Juruá
Raquel Sian Varallo, Fernanda Diel, Laiane Lessa e Bruna Favaro

Diagramação
Mariana Bastos